

O CURSO GINASIAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SARAH KUBITSCHKE. DESAFIOS E SUPERAÇÕES EM BUSCA DA QUALIDADE DE ENSINO

Luiz Fernandes da Costa¹

“É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: *presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras*. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras.”
<https://universodafilosofia.com/2018/10/santo-agostinho-e-o-tempo/>²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo resgatar a história do curso ginásial do Instituto de Educação Sarah Kubitschek (IESK) no período de 1975 a 1990. No dia 03 de maio de 1959 a escola foi inaugurada em um espaço cedido pela Escola Municipal Venezuela, em Campo Grande-RJ. Em 1960, foi transferida para outro espaço provisório à rua Augusto Vasconcelos, nº 212. Com a inauguração da sede definitiva em 13 de outubro de 1974, recebeu o nome de Instituto de Educação de Campo Grande (IECG) e sob a égide da LDB 5692/71, passou a atender todas as modalidades de ensino da educação básica. A nova lei unificou o primário com o ginásio, constituindo-se em ensino do 1º grau, com duração de oito anos. Em 1979 a instituição foi oficializada com o seu nome de batismo - Instituto de Educação Sarah Kubitschek (IESK). Na falta de documentos para esse levantamento buscamos nos apoiar na História Oral. Foram entrevistados 04 ex-alunos e 02 professores de Música. Três alunos são do sexo feminino e um do masculino. Todos com idade entre 40 e 50 anos, e atualmente são professores em exercício na rede de ensino. O professor e a professora, estão aposentados, e com mais de 85 anos. Foi um período rico de informações e estratégias que consagraram o instituto como ícone regional da educação. O Sarah também contribuiu com a formação desportiva de muitos jovens, que deixaram marcas indelévels para o estabelecimento pela qualidade da formação, e pelas dezenas de troféus que ornamentam o gabinete da Direção Geral. Os entrevistados testemunharam do orgulho da formação e de suas experiências educacionais e profissionais adquiridas que possibilitaram contribuir com a formação de novos cidadãos na Zona oeste da cidade.

Palavras-chave: Curso Ginásial, Instituto de Educação Sarah Kubitschek, História da Educação.

INTRODUÇÃO

O projeto de criação da Escola Normal Sarah Kubitschek (ENSK) se deu através do decreto n.º 906 de 1957³. Sua inauguração ocorreu em 03 de maio de 1959 em Campo

¹ Doutorando em Educação – Universidade Estácio de Sá (UNESA) - RJ
e-mail: luiz.fernandes2008@hotmail.com

² Pensamento de Santo Agostinho - <https://universodafilosofia.com/2018/10/santo-agostinho-e-o-tempo/>

³ LIMA, Fábio Souza. Instituto de Educação Sarah Kubitschek – As origens da Brasília de Miécimo, p.3, 2019.

Grande, Rio de Janeiro, nas dependências da Escola Municipal Venezuela, quando foram cedidas cinco salas ao novo estabelecimento de ensino. Em 1960 foi transferida para a rua Augusto de Vasconcelos, nº 212. Finalmente, em 13 de outubro de 1974⁴ recebia sua sede definitiva. Trata-se de um instituto que tem tamanho de universidade (44 000 m²) com três prédios principais além da quadra de esportes e piscina olímpica. Um dos prédios era ocupado pela Educação Infantil, o outro pelo ensino do 1º grau e o de forma de nave, pelo curso Normal. Assim se consolidava o atendimento de toda a educação básica em um único local.

Milhares de alunos desfilavam de azul e branco, desde os pequenos até os jovens. Uns com estrelinhas, outros com divisas e os menores com jaleco, que permitia antever as modalidades de ensino ofertadas pelo IECG à comunidade campograndense e de entorno. As séries finais do ensino do 1º grau é o nosso foco de pesquisa (alunos de 5º ao 8º ano – antigo curso ginásial). Por se tratar de um período antigo, fica inviável a busca de documentos na instituição. Na falta deles, apoio-me na História Oral, que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevista oral gravada, questionários e documentos em mãos dos depoentes. Essa é a metodologia que norteará esse trabalho. O tempo de recorte é de 1975 a 1990, período em que era ofertado o curso ginásial. Os sujeitos participantes foram incentivados a resgatar a memória do que experimentaram durante os estudos enquanto alunos ou como docentes na instituição. Foram entrevistados 04 ex-alunos e 02 professores de Música. Três alunos são do sexo feminino e um do masculino. Todos com idade entre 40 e 50 anos, e atualmente são professores em exercício nas redes de ensino. O professor e a professora, estão aposentados, e com mais de 85 anos. Procurou-se elencar as valiosas informações daquele cotidiano escolar. Um tempo que não volta mais. Para Alberti (2004),

Uma entrevista de história oral não apenas fornece relatos de ações passadas, mas é ela mesma um conjunto de ações que visa determinados efeitos – efeitos que se pretendem que ajam sobre o interlocutor na própria entrevista, e efeitos que se pretende que repercutam para além da relação da entrevista, no público que a consulta e eventualmente na sociedade como um todo. (ALBERTI, 2004, p.77)

Esses atores não tinham sido contemplados com relatos de suas vivências escolares, mas a partir do momento que recebem vez e voz para descreverem os

⁴ JORNAL DO BRASIL. 13 de out. de 1974, p. 38. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 02.08. 23

acontecimentos passados segundo seus indícios e percepções, se transformam em atores ativos, colaborando com o resgate da história da instituição em epígrafe. Para Halbwachs (1990),

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os outros meios (HALBWACHS, 1990, p. 51)

A satisfação dos depoentes nas narrativas leva-nos a deduzir que transcende os conhecimentos adquiridos na relação professor – aluno – estudos. Suas explicações mostram uma escola de gestão participativa, socializadora, e mesmo, de importância para as rotinas de estudos e execução de tarefas. Uma verdadeira formação de cidadania. Nesse aspecto Viñao Frago (1995) considera que,

No interior da escola produzem-se ”modos de pensar e de atuar que proporcionam” a todos os sujeitos envolvidos nas práticas escolares “estratégias e pautas para desenvolver tanto nas aulas como fora delas”, condutas, modo de vida e de pensar, materialidade física, hábitos e ritos. (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 68 – 69)

Logo após a instalação da nova sede em 13/10/1974, o então Instituto de Educação de Campo Grande (IECG) passou a oferecer todas as modalidades de ensino, classificadas em nossos dias como “Educação Básica”. Era o período de vigência da Lei de n. 5692/71 que unificou o primário com o ginásial – formando o curso do 1º grau. Assim em 1975 o curso ginásial era ofertado para a comunidade de entorno. Nova disputa de vagas acontecia nos portões do Instituto. A demanda já era maior que a oferta de vagas. O ex-aluno Daniel fez parte de uma das turmas que inaugurou o curso, como registra:

Após a inauguração da Escola Normal Sarah Kubitschek, que recebeu o nome de Instituto de Educação de Campo Grande (IECG), a instituição passou a oferecer o curso ginásial. Era o ano de 1975. Fiz parte da 1ª turma da 5ª série.

O Instituto não dava conta da quantidade de alunos que procurava por vagas. Conseguir uma matrícula era como ganhar um grande prêmio. Assim as solicitações aconteciam em todas as séries. A ex-aluna Hérbia descreve algumas dificuldades. Diz que,

Na época era muito difícil entrar no instituto. Tinha pessoas, que por conhecimento, indicavam alunos para a escola. Foi o que aconteceu comigo. Tinha na família alguém que conhecia a direção e que conseguiu que eu fosse transferida para lá na 7ª série. Isso se deu em 1982. Fiz carreira, formando-me professora em 1987.

Fazer parte da escola não era o único desafio a ser vencido. O aluno precisava corresponder satisfatoriamente com os resultados das avaliações e atividades gerais. De sorte que os recém-admitidos à escola tinham conhecimento das dificuldades que enfrentariam. E foi o que aconteceu com Hélbia.

O ensino era bem considerado por todas as escolas. Era um ensino de qualidade, bem respeitado. Quem era transferido para lá tinha dificuldade de acompanhar o desenrolar dos conteúdos. Eu fui retida na 7ª série, que funcionou como um nivelamento.

O ginásio trouxe uma colaboração ímpar para a instituição. Além do bom desempenho dos alunos foi o responsável pelo resultado desportivo da escola, já que tinha um número razoável de alunos do sexo masculino. Com efeito, foi possível prepará-los para diferentes modalidades desportivas. O ex-aluno Ângelo (atualmente professor de Educação Física do IESK), descreve esse período áureo.

O IESK já foi referência em muitos esportes na região de Campo Grande. Os maiores destaques eram natação, futsal, voleibol, basquetebol, futebol e ginástica olímpica. Tínhamos uma aparelhagem de ginástica que foi doada pelo Clube de Regatas do Flamengo (CRF). Dentre elas figuravam: cavalo com balsa, barra simétrica, plintom, trampolim (...). Para dar conta das aulas previstas na grade curricular e ainda atender alunos interessados na modalidade de atletismo que era oferecida, os professores procediam da seguinte forma: em um turno cumpriam os conteúdos da grade e no contraturno e aos sábados a parte de atletismo, que também contemplava um calendário de atendimento. Mas o estado dava apoio aos professores oferecendo uma dupla regência (horas extras).

Até pouco tempo atrás o gabinete da Direção Geral (cerca de 80m² de área) era decorado por troféus e outras condecorações da época. Os excelentes resultados nos jogos regionais, nos jogos estudantis e outros compromissos assumidos deixaram ali uma grande marca de pertença. Mas os resultados eram na verdade, o produto de esforços de uma parceria entre alunos e profissionais, que eram muito competentes, como narra o Ângelo.

A equipe de professores de Educação Física colaborou, em muito, para o sucesso do enaltecimento do instituto. Assim compunha o quadro, os professores: Paulo Ferreira, Carlão (técnico – preparador físico na Tijuca), Paulo Roberto (técnico de futebol) e Jorge Eiras (ex - atleta olímpico). Eles incentivavam os alunos postulantes através de fotos de seus relatos de experiências e outras. Por conta da influência desses educadores, tivemos eventos inéditos no Sarah.

Já as meninas ‘ginasianas’ pareciam se adequar ao modelo de Educação Física oferecida às alunas do Curso Normal. Estava ligada a ginástica olímpica. Alguns

professores lecionavam ao mesmo tempo no ginásio e no curso Normal, conforme expõe a ex-aluna Selma Narcisa.

Tínhamos aulas com o professor Paulo Santos. Ele nos preparava para a apresentar a ginástica rítmica em vários lugares. Nosso grupo se apresentou em Copacabana, Botafogo e Ipanema. Nós levávamos o nome da nossa escola onde quer que fôssemos convidadas.

O prédio da escola laboratório Deolinda Caldeira de Alvarenga atendia o Ensino do 1º grau (séries iniciais e séries finais). A ex-aluna Luciana que fez toda a educação básica na instituição revela que:

Quando passei para a 5ª série as aulas aconteciam no 1º turno, e as turmas da 4ª série estudavam a tarde. Havia uma preocupação com a inserção dos alunos dentro da modalidade de ensino. Não tinha mistura. Turnos separados.

A Escola tinha uma boa estrutura. Um *campus* com prédios, biblioteca, salas de recursos, praça, cantina, espaço cultural, piscina, quadra esportiva. Tinha o essencial para o desenvolvimento das competências e habilidades estudantis. Como relata Hélbia,

A escola era limpa, tinha quadra de esportes, piscina e aulas de natação. Todas as quartas feiras usávamos o uniforme tradicional (cinto, mangas compridas, sapato engraxado), independente do nível de ensino. Quem não estivesse uniformizado a caráter era barrado na porta, tendo que retornar à casa.

A professora Ivone Fragali confirma o relato da aluna, já que ela por muitas vezes conduzia as atividades de civismo da semana na escola e zelava pelas determinações estabelecidas pela direção e professores. Ela comenta que,

A exigência do uniforme era total. Às quartas feiras havia formatura no pátio onde cantávamos o Hino Nacional. E quando eu subia a escada eles já sabiam que a coisa ia ficar feia. Essa atitude era um alerta para os alunos que estavam de brincadeiras. Eu era muito exigente. Se alguém saía do lugar ia ficar depois do horário. Então eles se comportavam bem. E todos os alunos se apresentavam com aquele uniforme lindo, o uniforme oficial.

Porém não era só às quartas feiras a exigência do uniforme. Nos outros dias os alunos tinham outro uniforme que deveria ser usado corretamente. Para isso havia uma inspeção diária, como relata a Luciana.

A Dona Dirce era o terror do 5º ao 8º ano. Fiscalizava os alunos de posse de uma prancheta e óculos caídos sobre o nariz. Vivia atrás da gente. Já do outro lado a Dona Dina ficava plantada no portão entre o prédio do Curso Normal e a praça. As mães não podiam entrar. Dali ela fiscalizava

o uniforme. Meias enroladas, saias curtas, batom ela mandava tirar. Parecia um pelotão passando. Acredito que os professores também tinham medo dela.

Apesar da estrutura e da coesão de atuação docente, alguns desencontros estavam presentes no cotidiano escolar. Muitas vezes provocados por questões hierárquicas das disciplinas que compunham a grade curricular. Nela, Português e Matemática, por conta de maior carga horária, eram consideradas de maior importância pelos professores. Ao que parece havia uma ideia vaga do que era realizado em disciplinas, tais como: Artes, Educação Física, Música..., de forma que o Conselho de Classe (COC) para essas matérias era visto por alguns como desnecessários. A professora Ivone Fragali relata um desses momentos do Conselho de Classe do instituto.

A professora Zurita era formada pela Escola Nacional de Música. A impressão que se tinha é que os colegas “torciam o nariz” para os professores de música. Então a professora Zurita tomou a palavra e fez a seguinte colocação: quero dizer para os meus colegas que aqui estão que já percebi que vocês torcem o nariz quando falam do professor de Música. Para chegarmos a professores de Música temos que saber Matemática, Português, Geografia e ‘muita Matemática’. Nós temos que dividir compassos. Se vocês nos derem um texto a gente vai saber trabalhar, mas se mandarmos vocês dividirem um compasso, vai ser um problema.

Mas também havia falta de comunicação e consideração para com os professores de “formação menor”. A escola tinha um contingente de professores formado pelo Curso Normal, que é em nível médio, e outro em nível superior, e alguns ainda com mestrado ou doutorado. Uma equipe, como em qualquer colégio grande, apresenta um certo grau de dificuldade de comunicação entre os profissionais, mas no caso do Sarah isso já fazia parte da cultura. O professor José Lopes percebeu esse tipo de relacionamento, e quando assumiu a direção (1989 a 1995), procurou unificar todos os docentes. Em seu relato disse que,

quando entrei no Sarah senti uma grande diferença entre os professores do 1º grau e do 2º grau. A época a maior parte dos professores do 2º grau era formado por mulheres. Havia professoras do 2º grau casadas com homens de situação financeira muito boa. Elas andavam muitíssimo bem vestidas. Havia um disparate de indumentárias tão forte, que era possível distinguir a partir das vestimentas uma professora do 1º grau de uma professora do 2º grau. Mas a chegada ao instituto também permitia antever as diferenças. Muitas professoras do 2º grau chegavam de Mercedes Bens, carro de última geração da época. Eram acompanhadas por choferes que não somente dirigiam, mas reverentemente abriam as portas para que as nobres professoras adentrassem ao Sarah. Era comum classificar os professores pelo grau que lecionavam. Passei a realizar

confraternizações, apesar do mal-estar de muitos, mas prosseguiu. Assim havia festividades com amigo oculto, e músicas como bolero, valsa, box. Tocava todas incentivando professores e funcionários a dançarem. Dizia nas confraternizações: “você é professor do Sarah, não do grau que leciona”.

Mas as grandes realizações desse professor se estenderam a outras áreas de atendimento do Instituto, de forma a incluir não só os professores, mas os alunos e toda a comunidade escolar. Como diretor, José Lopes (professor de Música), procurou socializar também a participação de todos os alunos nos eventos da escola. Nem todos os alunos dispunham de recursos para participar da formatura. Na visão desse professor era preciso incluir todos os alunos na solenidade, como procurou fazer.

Assumimos a formatura de nossos alunos, administrativo e financeiro. Tínhamos uma triste realidade. Os alunos mais pobres geralmente não participavam da formatura. A cobertura da associação (cantina e outros recursos geridos) realizou o sonho de muita gente. Muitos alunos receberam um uniforme “zero quilômetro” que era entregue no dia da formatura para aparecerem impecáveis no cenário que se desenrolaria. No dia da formatura o instituto ficava mais bonito. A piscina com suas águas límpidas era decorada com bolas azuis e brancas. Procurava apresentar o melhor, mesmo que fosse a partir da simplicidade. Então como eu gosto, quis dar isso às pessoas.

Por fim, o professor José Lopes fez da escola a sua segunda casa. Ele foi o fundador da Banda de Música do Sarah. Sempre que havia desfiles, a escola era acompanhada por orfeões de outras unidades. Em seu período de direção fez muitas mudanças na escola, tornando-a em um modelo que não deixa a desejar, entre os maiores exemplares de educação de nosso país. Como disse,

O IESK não possuía banda de música. Por minha iniciativa foi criada a banda, e mesmo quando fui diretor não abandonei essa pasta de trabalho. Nos 6,5 anos de direção participei em Campo Grande dos desfiles cívicos, sempre à frente do nosso grupo musical como regente. Desfilava junto com a escola, regendo a banda.

Incansável na jornada de educador, assumia outras pastas na escola. Era um diretor que colaborava com o governo do estado. O êxito do seu trabalho também se deve ao bom relacionamento com a comunidade escolar, sempre pronta a ajudar no que fosse preciso. Como relata,

tínhamos muitas cadeiras e mesas quebradas no porão da escola. Promovi uma ampla reforma, com a ajuda da comunidade escolar. Cerca de 800 cadeiras e 800 mesas estavam fora de uso, quebradas. Organizei um plano para consertá-las. Os pais atenderam o meu convite e nos finais de semana chegavam com suas máquinas para atacar o problema. Eram

montadores, soldadores, carpinteiros e marceneiros, que com suas próprias máquinas deram uma excelente colaboração, recuperando todo esse material.

Não obstante procurou cuidar do paisagismo do estabelecimento. A escola, devido seu tamanho, parece ser tratar de uma fábrica (44 000m²), ou de uma “selva de pedra”, já que possui três prédios. Ele relata um período que o Instituto foi transformado em um pequeno Jardim Botânico.

Fiz uma reforma no instituto onde se contemplava apenas a parte arquitetônica. Aproveitei os muitos espaços livres, ornamentando-os com jardins. Para essa atividade não utilizei o dinheiro da associação, mas o meu dinheiro. Confeccionei flores e plantas ornamentais. Para cuidar dos jardins, eu e meus funcionários, trabalhávamos de bermuda, camiseta e descalços. Íamos a padaria mais próxima e encomendávamos cinco frangos assados e sentados nos bancos do pátio do 2º grau, almoçávamos. Também tive ajuda de uma professora de Geografia, que era casada com um militar da Aeronáutica, que me ofereceu um caminhão para ir ao meu sítio em Petrópolis buscar novas mudas. De joelho plantei as novas mudas no instituto. Não tardou para eu receber um apelido. As mães dos alunos me apelidaram de “Diretor Jardineiro”. O apelido foi recheado por algumas críticas, como se eu deixasse de lado a administração da escola. Não demorou muito e o instituto ficou parecido com um paraíso. Aos sábados moças que eram alunas e até as que não eram alunas do Sarah vinham ao meu gabinete solicitar a permissão para tirar fotografias nos nossos jardins. Elas tiravam fotografias de aniversários de 15 anos, e até de casamentos.

Os professores de Música como os de Educação Física foram grandes colaboradores para a consagração do Instituto ao *pódium* educacional regional. O belo, a conclusão do curso, a valorização dos alunos e professores que atuaram na formação, era tudo “milimetricamente” pensado para uma formatura que registrasse de fato o valor dos anos estudados, dos conhecimentos adquiridos, e a certeza do trabalho realizado com excelência. A professora Ivone Fragali, por muitos anos foi a responsável pela organização da formatura de todos os níveis de ensino do Instituto. Segundo avalia,

todas elas eram marcantes. Tinha um rapaz tecladista que cobrava o razoável para dar cobertura ao evento. Eu pegava dinheiro com todos os alunos para ajudar a colorir à mesa. Pegava aquele dinheiro quebradinho com os alunos. Dávamos flores aos professores. Depois me pediram para incluir os alunos da 4ª série. Eles colocavam uma ‘divisinha’ no punho. Já na 8ª série tinha a troca de tiras do punho e colocava a estrelinha na lapela. Para essa atividade alguns alunos eram escolhidos. Um dos pré-requisitos era ter boas médias. Os meus dois filhos eram escolhidos porque estavam entre os melhores alunos. Eu recebia muitos elogios.

Mas a estrutura montada permitia ir mais longe. As realizações dos professores depoentes não pára por aí. A escola tinha o seu ritmo e eles procuravam colocar em prática o que estava no planejamento escolar. E quando se trata de festas do calendário letivo, a instituição trabalhava para apresentar o seu melhor. Uma delas era a Festa Folclórica. Através dela os educadores procuravam reforçar as crenças e valores do grupo de pertença da comunidade escolar. No caso do Sarah além de manter a tradição, buscava-se olhar a cultura como fonte de conhecimento desde suas origens. Enfim, oferecia-se aos alunos uma base cultural e reconhecimento como de um ‘ser’ nesse contexto. A professora Ivone apresenta o relatório de uma dessas festas ocorrida no Instituto de Educação.

Todo ano tinha a festa do folclore. Era uma maravilha. É uma pena que naquele tempo não tínhamos os recursos tecnológicos que temos hoje, como os vídeos. Mas me lembro que a última festa junina que participei me marcou muito. A época a novela TIETA⁵ estava em exibição, e todos aqueles personagens entraram na festa. Não tínhamos no IESK um número satisfatório de meninos para fazer pares com as meninas nas apresentações festivas. Mas alguns meninos foram conversar comigo, e disseram: nós queremos fazer uma quadrilha só de meninos. Aceitei, mas foi difícil. Teve dia que me sentei no chão, coloquei a mão sobre a cabeça e disse, não quero mais! Eles não eram fáceis, mas nunca desobedeciam, nem falavam palavrões. No dia da festa se trancaram em uma sala, ninguém entrava lá. Nem eu! Quando anunciaram a quadrilha dos meninos, olha meu Deus, foi uma coisa tão maravilhosa. Ninguém sabia quem era menino. De início já entraram com aqueles estalinhos. A montagem deles era tão perfeita, que era uma das coisas mais maravilhosas. Meu Deus, por que não tinha uma câmera para filmar?! É a última recordação. Meu Deus do céu! Eles me deixaram de cabelo branco na hora de ensaiar, mas o resultado foi nota 1000! Uma coisa maravilhosa.

A escola, a exemplo das demais da época, tinham suas cadernetas confeccionadas por uma gráfica. Um controle invejável. Cada aluno tinha sua caderneta escolar com foto. A caderneta trazia o calendário do ano, com feriados, disciplinas, espaço para lançamento de notas e espaço para comunicação com os pais, quando necessário. De forma que o aluno podia controlar o seu desempenho e possíveis médias possibilitando ao mesmo,

⁵ *Tieta* é uma [telenovela brasileira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tieta_(telenovela)) produzida pela [TV Globo](https://www.globo.com) e exibida de 14 de agosto de 1989 a 31 de março de 1990, em 197 capítulos. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tieta_\(telenovela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tieta_(telenovela)), acesso em 10/02/2024.

buscar melhor resultado. No caso do Sarah, as cadernetas traziam o decreto de criação e ano de inauguração da escola. A frequência era prioridade para o desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos. Sempre que o aluno faltava o lançamento de ‘FALTA’ era em vermelho. Ocorre que em um desses anos o Sarah falhou. O ano de 1977 começou sem a entrega do “pequeno livrinho”. O ex-aluno Daniel, responsável pelo grupo “amigosdosarah.com” relata que,

As frequências dos meses de janeiro, fevereiro e março de 1977 não foram computadas. Já no 2º bimestre fomos presenteados com um cartão de ponto (de um lado a frequência e do outro o registro de notas). Não entendi o porquê daquela mudança. Felizmente em 1978 tudo voltou ao normal.

Só depois do ano 2000 tomei ciência do que aconteceu: agora a frente do grupo “amigosdosarah”, que reúne professores, alunos e funcionários fiquei sabendo o que aconteceu. A Dona Dirce, inspetora à época, relatou-me que o Sarah não havia renovado o contrato e por isso ficou sem as cadernetas de 1977. Com a renovação do contrato tudo voltou ao normal no ano seguinte.

A fama da escola, crescente diante dos bons resultados em tudo que realizava, tornou-se obsessão de muitos, “a escola dos sonhos”. Ângelo relata o assunto com muita propriedade.

O nome da escola ganhou conotação na cidade do Rio de Janeiro, de forma que, moradores de outras regiões da cidade alugavam casas próximas ao IESK ou vinham morar com parentes para figurarem como alunos do Sarah e poder desfrutar do ensino público de qualidade. O colégio ainda é um ponto de referência mas no passado isso era marcante. Estamos perdendo a fama paulatinamente.

Todavia o acesso não era fácil para alunos dos bairros de entorno da instituição, que também atendia logradouros mais afastados da Zona Oeste⁶. Trata-se de uma região formada por 43 bairros e 2.371.135 pessoas (estatística 2010). Hélbia, aluna que morava em um local mais próximo, relata as dificuldades vividas pelos estudantes da região.

O transporte era difícil. Só tínhamos ônibus 822 na Estrada do Campinho, e o 815 na praça em frente o Centro Interescolar Miécimo da Silva. Os ônibus não davam conta do grande contingente de alunos. Bem longe da escola podíamos embarcar no ônibus 840 ou no trem na estação

⁶ A Zona Oeste abrigava uma população de 2.371.135 pessoas em 2010, a segunda mais populosa do Rio de Janeiro. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_Oeste_\(Rio_de_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_Oeste_(Rio_de_Janeiro)), acesso em 10 de fevereiro de 2024.

Benjamim do Monte. E o pior, não existia vale transporte. Quando o governo exigiu o atendimento de embarque de alunos, as empresas não atenderam a solicitação.

Os depoimentos dos alunos leva a concluir que todo o sacrifício em busca de uma melhor formação deixou bons resultados e boas recordações. Nem o Hino do Instituto foi esquecido. Ao perguntar sobre ele, a ex-aluna Helbia começou a cantá-lo. O que parece ter se perdido na janela do tempo, permanece presente em 'muitas portas' – seus atores.

HINO DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SARAH KUBITSCHEK

AUTOR: João de Barros⁷

Instituto de Educação Sarah Kubitschek

A vanguarda juvenil

Dos futuros professores

Das crianças do Brasil

Sempre unidos para frente

Levaremos onde for

A bandeira da esperança

Mensagem de luz e de amor

Cantando, diremos num canto maior

Que a terra que temos

É a terra melhor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso ginásial cumpriu o seu papel na história do Instituto e terminou há muito tempo. Porém está bem vivo na memória de muitos, como no grupo “amigosdosarah.com”. Nesse grupo tem uma ex-aluna que mora na China e se comunica regularmente com o grupo pelo *facebook*, *e-mails* e *whatsapp*. A cada encontro recebem uma minuta, organizada pelo Daniel, com lembranças da época de ginásio. Hoje ele é professor de Inglês. Mas outros grupos seguem em plena atividade nos encontros, sobretudo os dos alunos do Curso Normal, e o grupo de professores e funcionários

⁷ Compositor famoso na região de Campo Grande – Rio de Janeiro

aposentados com quase 100 participantes. É uma cultura forte na região de Campo Grande, que se desenvolveu junto com o Instituto de Educação. Junta-se a isso o grande acervo de troféus no gabinete da Direção Geral, que permite antever o esforço e o comprometimento de alunos e professores na construção de uma história de superação do curso ginasial em diferentes modalidades desportivas, cujo brilho permanece no imaginário social da região. O bairro concentra mais de 100 escolas municipais⁸, 143 escolas particulares⁹, 25 colégios estaduais¹⁰ e faculdades. É considerado o maior contingente estudantil da América Latina. E os educadores oriundos do Sarah, presentes em número bem significativo nas instituições de ensino da região, levam avante suas experiências educacionais e profissionais para a formação de novos cidadãos na Zona oeste da cidade.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. 194p.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Lei número 5.692: Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º Graus. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 56, n. 123, p. 114-129, jul/set. 1971a.

HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

JORNAL DO BRASIL. 13 de out. de 1974, p. 38. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 02.08. 23

LIMA, F. S. Instituto de Educação Sarah Kubitschek – As origens da Brasília de Miécimo, 2019.

VIÑAO F. A. *Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, p. 63-82, set./dez. 1995.

⁸ <https://prefeitura.rio/educacao/com-mais-de-100-escolas-da-rede-municipal-campo-grande-ganha-uma-nova-sede-para-a-biblioteca/acesso> em 25 de janeiro de 2024.

⁹ <https://escolas.com.br/particulares/rj/rio-de-janeiro/campo-grande>, acesso em 25 de janeiro de 2024.

¹⁰ <https://escolas.com.br/estaduais/rj/rio-de-janeiro/campo-grande>, acesso em 25 de janeiro de 2024.